

Sidónia Massangaie: a primeira mulher General no país

JOANA MACIE

SIDÓNIA Massangaie, médica e militar, é a primeira mulher, na história do país, a ascender à classe de oficiais generais, promoção longe de ser entendida como simples coincidência com o mês da mulher, mas sim resultado do brio e profissionalismo, competência e zelo.

“Queremos, pois, felicitar a Comodoro Sidónia Massangaie e o sector da Defesa Nacional, por este marco”, afirmou o Presidente da República, Filipe Nyusi, no acto de posse, da primeira mulher a alcançar a patente de General, em Março passado.

Ao mesmo tempo, Filipe Nyusi desejou que mais mulheres cheguem, por mérito próprio, a postos altos no seio das Forças de Defesa e Segurança (FDS).

Dirigindo-se especifica-



Sidónia Fiosse Massangaie

mente à Comodoro, o Chefe do Estado e Comandante-Chefe das Forças de Defesa e Segurança (FDS) disse que

a nova função exige maior responsabilidade e um engajamento total na defesa nacional, sempre subordinada

ao resguardo do interesse do país contra todas as formas de ameaça.

As Forças Armadas são

constituídas por três ramos: Exército, Força Aérea e Marinha. Comodoro é o mesmo que Brigadeiro e, na Marinha, é o primeiro posto de oficiais generais. Tem uma designação diferente por ser do ramo da Marinha.

“Eu fui promovida para oficial-general. A única diferença está na designação. Na Força Aérea e Exército designa-se por Brigadeiro, mas se for a reparar, todos nós temos uma estrela”, explicou.

Numa entrevista aos órgãos de comunicação social, após a sua tomada de posse em Março do presente ano, a General fez saber que quando ingressou na vida militar já possuía a formação superior em medicina, pela Universidade Eduardo Mondlane, mas abdicou de exercer, para seguir o sonho de infância, que passava pela vida militar.

Posto por confiança

SOBRE a promoção para a patente de General, posto por confiança, Sidónia Massangaie considera ser dignificante, tendo em conta que muitos passam para a reserva sem alcançar o posto, que é o máximo dos oficiais superiores.

“Este posto é por confiança, por isso, sinto gratidão, por ter sido confiada, e também sinto uma certa responsabilidade, por ser a primeira mulher a atingir o posto no país, mas também estou perante um desafio”, disse a General. Para esta mulher, o ramo militar não difere de outras áreas de actividade e garante que nunca se sentiu discriminada desde que ingressou na carreira.

“Como qualquer militar, ingressei nas Forças Armadas a partir de um centro de instrução básica e tornei-me militar. E, por ironia do destino, a minha primeira afectação foi mesmo para o Centro de Instrução da Manhica. Naquela altura, era o



Coronel Flora Mateus Chipande

único centro a nível nacional, em 2001”, disse.

A General explicou que trabalhou durante aproximadamente três anos como chefe da secção de saúde da unidade e responsável pela saúde dos mili-

tares, instruendos e toda a componente fixa naquela unidade.

Posto esse período, foi transferida para a cidade de Maputo, em 2004, porque tinha concorrido para fazer especialidade em ginecologia e obstetria.

“Então, passei para o Hospital Central de Maputo, frequentei a especialidade durante quatro anos e, em 2008, terminei. Obtive o título de especialista em ginecologia e obstetria. E, em 2008, volto para a saúde militar”, afirmou. Sidónia Massangaie foi afectada ao serviço de ginecologia do Hospital Militar de Maputo, como chefe de serviço, onde trabalhou de 2008 a 2011 e depois foi transferida para o ramo da Marinha, para exercer o cargo de chefe de repartição de saúde daquele ramo, cargo que desempenhou durante 11 anos, até à data da sua promoção para General. Como desafios, sobretudo no novo cargo, a General indicou a continuidade nos trabalhos iniciados pelos antecessores, contribuindo para um sistema de saúde militar à altura dos actuais desafios, de forma a tornar as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) cada vez mais resilientes em to-

das as suas missões ao serviço do povo e da pátria moçambicana.

“Ao mesmo tempo, terei de saber conciliar a minha carreira como ginecologista, que é uma especialidade também relativamente pesada, com as responsabilidades de pertencer às Forças Armadas e a patente que foi-me atribuída”, disse.

Ser mãe nunca constituiu obstáculo para o exercício com zelo das suas tarefas, nem de confundir a disciplina militar para a educação dos filhos.

“Penso que, de uma forma involuntária, podemos até correr esse risco, de educá-los de uma forma muito exigente, pela formatação que nós sofremos, mas penso que, se isso acontece, geralmente é de uma forma involuntária, porque o militar é aquele que pertence a uma organização, com uma forma de ser e acaba exigindo dos outros que tenham mais ou menos o mesmo alinhamento”, finalizou.

Estamos de parabéns

CELSA Mahanjane, Sargento e operadora de câmara no Ministério da Defesa, congratula o Governo por confiar uma mulher ao posto de General, o que significa um ganho para toda a mulher na carreira militar.

Sem receios, disse que o seu grande sonho na carreira, que está a construir desde 2016, é alcançar a patente de General.

“Agora sou Sargento e para chegar a General falta muito, mas tenho fé que vou chegar lá, com muito trabalho, disciplina e rigor”, assegurou.

Celsa Mahanjane fez saber que se integrou nas FDS no dia 4 de Abril de 2016, através de um convite, uma vez que a imprensa militar precisava de operadoras de câmara e, como na vida civil já trabalhava nesta área, abraçou o convite como um desafio, sendo que hoje afirma não estar arrependida.

“Como primeiro passo fui aos treinos, instrução básica, depois fui afecta no Estado-Maior General e mais tarde no Ministério da Defesa”, explica Celsa Mahanjane, para quem há muita diferença entre a vida militar e a civil, e confessa que a sua adaptação para a nova vida não foi fá-



Celsa Mahanjane

cil.

Aponta a disciplina como sendo um dos grandes desafios.

“Por exemplo, tive que mudar a minha forma de ser. Aprendi que quando entra um chefe na sala temos que nos levantar para poder saudar, o que eu não sabia. Para efectuar qualquer deslocação para fora do sector ou para fazer alguma coisa fora é preciso pedir autorização”, disse, salientando que nos primeiros dias foi difícil assumir esta disciplina.

Segundo a interlocutora, há muitas regras que acabam influenciando na vida privada, porque, de forma involuntária, o militar introduz estas regras e disciplina na família. “Aqui utilizamos muitos códigos para nos comunicar, quando estou em casa às vezes me esqueço e emito um código que ninguém entende”, acrescenta Celsa Mahanjane, que vive maritalmente, sendo mãe.

A jovem militar aconselha as raparigas a entrarem na vida militar, porque o sector precisa de mais mulheres.

Um dia teremos uma mulher a dirigir as FDS

A CORONEL Flora Mateus Chipande, que é directora nacional dos recursos humanos no Ministério da Defesa, disse ser gratificante para toda a mulher militar, e não só, ver pela primeira vez no país a nomeação de uma mulher para o posto de General.

A interlocutora acredita que este é um início de mais uma etapa em que mulheres poderão alcançar postos que historicamente eram ocupados somente por homens.

“Hoje temos uma mulher Comodoro, acredito que um dia possa haver uma mulher a dirigir as Forças Armadas de Defesa de Moçambique, porque muitas mulheres, pelo mundo, já dirigem estes postos, incluindo a Presidência da República”, disse Flora, saudando o Governo e as próprias mulheres pela conquista dos espaços mais importantes.

A nossa interlocutora afirmou que um dos desafios na área militar era a ausência de mulheres ao nível da estrutura máxima do sector da Defesa, em particular ao nível das Forças Armadas.

“Precisávamos de uma mulher que participasse na tomada de decisões, assim sentimos que somos parte integrante das

FDS”, disse.

Flora Chipande, natural do distrito de Mueda, na província de Cabo Delgado, ingressou nas fileiras militares em 1984 e pelo esforço próprio alcançou a patente de Coronel, a última etapa para passar à classe dos generais, numa altura em que se prepara para passar à reserva.

Garante que nunca sofreu sérvias por ser mulher, mas também nunca teve dificuldades em conciliar a educação dos filhos com a sua carreira.

“Só posso dizer que mulher foi feita para ser versátil, o que quer dizer que, enquanto estiver no serviço, zela pela família”, disse, acrescentando que a mulher nas FDS não é diferente, é igual a outras. Mais adiante explicou que a disciplina militar é que difere das outras áreas, mas em algum momento “ajuda para educarmos as nossas crianças e contribuir para o desenvolvimento do país”. Flora Chipande encoraja as mulheres jovens a ingressarem nas Forças Armadas, o que passa, primeiro, por se recensearem. Congratula o facto de, nos últimos anos, estar a crescer o número de mulheres que ingressam na carreira militar, situação que concorre para o equilíbrio do género no sector.